

**PREZADO PROFESSOR JOSEPH BEUYS,  
COMO TEM PASSADO? POR AQUI, SEGUIMOS O ANO DA COMEMORAÇÃO  
DO CENTENÁRIO DO SEU NASCIMENTO MERGULHADOS NA PANDEMIA DA  
COVID-19, COM UM CLIMA POLÍTICO EFERVESCENTE.**

*Gabriela Clemente de Oliveira<sup>1</sup>*

**Resumo:**

O Brasil superou as 600 mil mortes pela Covid-19. Infelizmente, a informação não é um exagero meu, esses dados estão amplamente disponíveis e certamente você já realizou essa consulta. Em seu escrito *A Revolução Somos Nós* (2014), conferência realizada em Roma no ano de 1972, a abordagem que você fez sobre liberdade e democracia, se apresenta atual e a muito tem a contribuir com homens e mulheres que buscam superar o atual cenário político e pandêmico do Brasil. Você sabe do meu interesse pelo debate e gostaria de voltar a essa passagem do seu escrito para mostrar a você, a leitura que tenho feito sobre as suas colocações.

**Palavras-Chave:** Joseph Beuys. Covid – 19. Liberdade. Poder do Povo.

**Resumo em língua estrangeira:**

Brazil has surpassed 600,000 Covid-19 deaths. Unfortunately, this information is not an exaggeration on my part, this data is widely available and you certainly have already consulted it. In your book "A Revolução Somos Nós" (2014), a conference held in Rome in 1972, your approach to freedom and democracy is very current and has much to contribute to the men and women who seek to overcome the current political and pandemic scenario in Brazil. You know of my interest in this debate and I would like to come back to this passage of your writing and show you the reading that I have been doing on your positions.

**Palavras-Chave:** Joseph Beuys. Covid – 19. Freedom. People Power.

---

<sup>1</sup> Artista-professora-pesquisadora. Doutoranda pela Escola de Arquitetura - UFMG. Mestre pelo PPG Artes - UEMG. Bacharel e licencianda em Artes Plásticas - Escola Guignard/UEMG. Bacharel e Licenciada em História – PUC/MG.

## 1. Introdução

“O Brasil superou as 600 mil mortes por Covid-19 nesta sexta-feira (8/10) com uma forte desaceleração no número de óbitos devido ao avanço da vacinação, mas ainda mantém outra triste marca: a de país que mais registrou vítimas da pandemia em 2021” (SAMPAIO, 2021). Infelizmente, a informação não é um exagero do portal de comunicação. Esses dados estão amplamente disponíveis em diferentes canais e certamente você já realizou essa conferência. Ao contrário do que muitos poderiam supor - serem os países com passado/presente colonial, os primeiros colocados na lista da morte - encontram-se também elencados, velhos conhecidos seus: os EUA e a Rússia. Confesso que pouco sei sobre o cenário pandêmico internacional e conversar com você despertou minha atenção para o assunto. No entanto, quero aproveitar o nosso momento e retomar nossas conversas sobre arte, liberdade e democracia, na tentativa de trazer respiros e horizontes.

Você sabe que gosto de trocar pensamentos sobre o atual governo brasileiro com você. Sua história me leva a acreditar que você é um profundo conhecedor dos regimes totalitários. Sempre comento como essa sua condição me causa inquietação e revolta. Já te perguntei inúmeras vezes: Como você pôde seguir o *füher*? Como posso sentir curiosidade por um homem que serviu ao *Reich*? Há alguns anos sigo correndo o risco de conviver com Joseph Beuys. O que o tempo irá revelar a seu respeito? Em nosso contato, confesso, me sinto misturada e certamente abro mão de uma reflexão racional e isenta a seu respeito. A curadora do projeto *Beuys-2021*, Catherine Nichols, disse em entrevista a *Deutsche Welle*:

Acho que ele passou por uma doutrinação bem típica daquele tempo. Mas acredito que depois da guerra ficou muito claro para ele que era fundamental que as pessoas e a sociedade se transformassem, o que ele considerava como um processo. Por isso, ele escolhia materiais que estavam sempre em transformação, como a gordura, o feltro, ou o cobre. O cobre é um material fixo, claro, mas ele conduz energia. Acho que todos os trabalhos dele dão a sensação de não terem sido finalizados. E esse era o propósito artístico dele” (DW, 2021).

Assim como Catherine, vários outros estudiosos abordaram o despertar que você viveu após o acidente durante a segunda guerra mundial. Borer (2001) contou que seu avião, um *JU 87*, caiu na região da Criméia e que essa estava coberta de neve. Você ficou inconsciente por vários dias, praticamente semicongelado, até ser

resgatado pelo povo Tártaro, que cuidou das suas feridas. Os tártaros te envolveram em cobertores de feltro e te aqueceram com gordura animal. Te devolveram à vida. Depois desse episódio você deixou o exército alemão, desistiu de estudar medicina e se entregou a arte. Você sofreu uma mudança radical. Do *füher* a arte.

Professor, será que você poderia envolver o Congresso Nacional brasileiro em cobertores de feltro com gordura (Figura 1)?

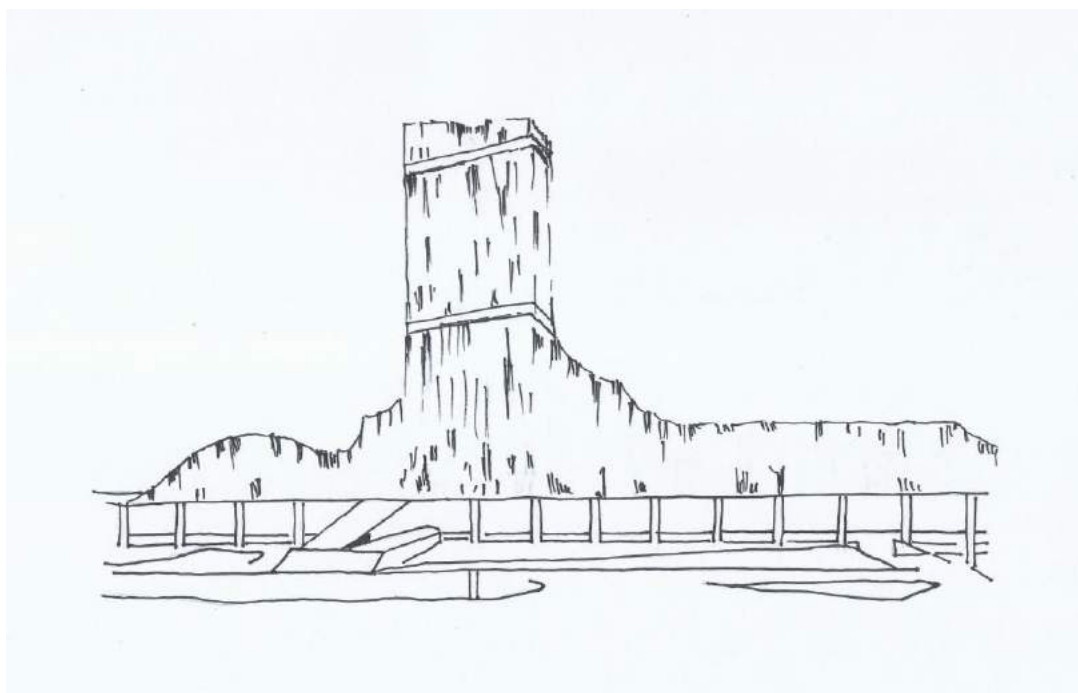


Figura 1 – Gabriela Clemente. Transubstanciação de um Congresso. Desenho. 15x20cm. Acervo pessoal.

Ser salvo não foi uma escolha sua. Você foi curado a despeito da sua vontade. Graças ao feltro e a gordura, esses elementos produtores e condutores de energia, seu corpo quase sem expressão foi preenchido com vida. Hoje, penso que você jazia há tempos e que a queda daquele avião foi o recomeço da sua nova gestação. Nessa sua nova vida, as primeiras vestes que você experimentou foram: o feltro e a gordura animal. Rosenthal (2002) escreveu que você teve grande interesse pela transubstanciação, esse processo de morte para o surgimento do novo, e que fez de materiais como a gordura e a cera de abelha, elementos primordiais. Professor, será que podemos planejar um grande procedimento de transubstanciação no Brasil? Eu estarei incluída entre as pessoas que participarão

desse procedimento. Será que podemos realizar a seleção dos participantes, sem o consentimento das mesmas?

Sei que essa minha consulta é absurda. Um abuso. Releve essa demonstração de autoritarismo. Encontro-me em um momento limite. Além das dificuldades pessoais, estou há bastante tempo em isolamento em função da pandemia. Soma-se a isso, o caótico cenário político, econômico e social brasileiro, que mexe profundamente comigo. Parece que a acidentada no *JU 87* fui eu! No meu caso, porém, não recebo cuidados do povo Tártaro. Nos momentos de indagação e indignação, com frequência me lembro das suas provocações. Elas têm sido, frequentemente, meus condutores de energia. Ainda não tive a oportunidade de estar na presença de trabalhos como *Sled* (1969), *Infiltration for Piano* (1966), *Fat Chair* (1964) e *The Pack* (1969), mas por outro lado, sigo em contato com seus escritos.

## 2. Liberdade

Professor, em seu escrito *A Revolução Somos Nós* (2014), conferência realizada em Roma no ano de 1972, a abordagem que você fez sobre liberdade e democracia se apresenta atual e muito tem a contribuir com homens e mulheres que buscam superar o atual cenário político e pandêmico do Brasil. Na ocasião, você explanou que “democracia e socialismo só seriam realizáveis a partir do conceito de liberdade” (BEUYS, 2014, p.301). Você sabe do meu interesse pelo debate e gostaria de voltar a essa passagem do seu escrito e mostrar a você, a leitura que tenho feito sobre suas colocações. A atenção que você dedica aos seus alunos é conhecida e você sabe, que já me fiz sua aluna há tempos. Oliveira (2019) pontuou que quando você foi professor em Düsseldorf, os alunos te procuravam com diversos interesses, “alguns queriam aprender a desenhar, outros tinham interesse nos estudos sobre escultura, outros ainda preferiam suas aulas porque não percebiam o distanciamento entre professor e alunos” (OLIVEIRA, 2019, p. 46,47).

Ainda que você já tenha dito que liberdade é um conceito próprio do campo do direito, e que diversas áreas do conhecimento já fizeram um amplo debate sobre o assunto, você também chamou atenção para a necessidade de se pensar liberdade na interseção com a criatividade. Naquela ocasião, você destacou que a

sua abordagem partia da sua experiência como artista e como professor, e demonstrou a seguinte estrutura:

Não seria verdade que quando o homem quer fazer uma revolução, ou melhor, quando decide mudar as condições de seu mal-estar, deve necessariamente dar início às mudanças na esfera cultural, operando nas escolas, nas universidades, na cultura, na arte e, em termos mais gerais, em tudo aquilo que diz respeito à criatividade? (BEUYS, 2014, p.301).

Complementou e disse, que toda mudança começa no modo de pensar e que somente nesse momento de liberdade, ou seja, de estruturação do pensamento, é que podemos efetivar a mudança, “a revolução pode nascer apenas da liberdade do homem” (BEUYS, 2014, p.318). Nesta relação você considerou essencial reivindicar liberdade para a escola, para a universidade, para a arte. Liberdade de imprensa, liberdade para os espaços informativos e culturais - espaços não econômicos, produtores de pensamentos.

Para aprofundar a explanação revolucionária, você dialogou com a estrutura do pensamento de Marx e da necessidade de modificar a lógica que compreende a revolução como fruto direto do sistema produtivo. Você não invalidou o pensamento marxista e ao contrário, ressaltou a importância de Marx no que se refere a análise precisa que teceu sobre a sua época. Sua colocação parece ter sido dirigida ao fato de o pensador ter partido do conceito de liberdade no início dos seus escritos, mas depois enfraquecido esse princípio para reforçar a instância econômica como única via revolucionária. Sua abordagem, Beuys, apontou para a necessidade de se fazer um deslocamento das bases revolucionárias da economia para a arte, seguida da ciência: “retomando um conceito exposto precedentemente, posso afirmar que a revolução só pode brotar da liberdade, de um modelo radical de liberdade, da arte” (BEUYS, 2014, p.304).

Nesse deslocamento das bases econômicas para a criatividade, você pontuou que a classe operária não seria mais a vanguarda revolucionária e sim os estudantes, essa parcela da sociedade que demonstrou interesse pelo socialismo e pela construção de uma nova sociedade. Você chegou a citar o líder do movimento estudantil alemão, *Rudy Dutschke* e a importância das manifestações realizadas pela juventude europeia no final da década de 1960. Foi muito importante o poder que você atribuiu aos estudantes, ainda que no meu entendimento os trabalhadores continuam a ser uma força estrutural para a revolução. Quantos estudantes se



tornarão trabalhadores? O que quero destacar, é que a sua colocação, professor, me fez retomar as manifestações estudantis que aconteceram no Brasil entre os anos de 2015 e 2016. Você acompanhou esse evento?



Figura 2 – Gabriela Clemente. Ocupação. Desenho. 15x20cm. Acervo pessoal.

No final do ano de 2015, estudantes de São Paulo começaram a manifestar insatisfações frente às denúncias de desvios de verba para compra de merenda escolar e contra mudanças curriculares. Em pouco tempo, as manifestações se espalharam e tivemos mais de mil escolas ocupadas em todo país (Figura 2). A *ESCOLA É NOSSA*, foi uma das inúmeras palavras de ordem usadas pelos jovens nas manifestações. A votação da PEC 241, que propôs o congelamento de repasses para a educação e a saúde pelos próximos vinte anos, as mudanças curriculares para o ensino médio e os cortes nos investimentos para as universidades públicas, provocou a mobilização da juventude.

Um pouco dessa atmosfera criativa e questionadora dos estudantes, está no artigo de Cerqueira, Alves, Silva, Ferreira e Argemiro (2016), “*Ocupamendes: quando a droga da obediência não funciona mais! Relatos da ocupação estudantil do Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes, a primeira escola ocupada no Estado*”

do Rio de Janeiro”. O texto é um registro dos relatos de parte dos autores do artigo, estudantes que viveram e organizaram a ocupação do Colégio Estadual Prefeito Mendes de Moraes. Uma dimensão em comum aos relatos chama atenção - o destaque que os estudantes deram à abertura da consciência ao amadurecimento do senso crítico, a partir dessa nova relação com o espaço escolar. O artigo demonstrou o forte papel pedagógico das ocupações.

O discurso feito por Ana Júlia Ribeiro, então aluna no Colégio Estadual Senador Manoel Alencar Guimarães com apenas 16 anos, também merece destaque. Tenho certeza, professor, que você irá reconhecer a potência criativa e revolucionária nessa fala. Na época, Ana Júlia proferiu um discurso na Assembleia Legislativa do Paraná e questionou o pertencimento escolar. Veja só:

Excelentíssimo senhor presidente, excelentíssimos senhores deputados, a todos os demais presentes, boa tarde. Olá, eu sou Ana Júlia estudante secundarista no Colégio Estadual Senador Manoel Alencar Guimarães. Tenho 16 anos e estou aqui para conversar com vocês para falar sobre as ocupações e a minha pergunta inicial é: De quem é a escola? A quem a escola pertence? Eu acredito que todos aqui já saibam essa resposta (...) Eu convido vocês a nos visitar e conhecer de perto. Isso é um insulto a nós que estamos lá nos dedicando, procurando motivação todos os dias, sermos chamados de doutrinados. É um insulto aos estudantes, é um insulto aos professores. A nossa dificuldade em conseguir formar um pensamento é muito maior do que a de vocês. Nós temos que ver tudo que a mídia nos passa, fazer um processo de compreensão, de seleção, para aí a gente conseguir ver do que a gente vai ser a favor, do que a gente vai ser contra. Até a gente conseguir compreender é um processo difícil. (...) A nossa bandeira é a educação. Somos um movimento apartidário. Somos um movimento dos estudantes pelos estudantes. Somos um movimento que se preocupa com as gerações futuras, com a sociedade, com o futuro do país (...) (SOUZA, 2016).

Quanta potência tem a fala de Ana Júlia! Como é clara a colocação que ela faz sobre o papel do movimento estudantil na luta pela manutenção do direito a educação pública e de qualidade, e na defesa por investimentos na área, de modo a assegurar a formação de jovens em diferentes gerações. Como é intensa a fala da secundarista no momento em que defende a liberdade de pensamento e o poder transformador da educação, livre de qualquer tipo de censura.

Você professor, entende bem do assunto. A experiência com a ocupação da “reitoria da *Staatliche Kunstakademie*, em Düsseldorf” (FONSECA, 2016) foi igualmente significativa (Figura3). A mobilização que os alunos fizeram, no ano de 1972, reivindicando acesso à educação livre de qualquer tipo de limitações e impedimentos, foi a materialização da sua concepção sobre democracia direta. O

corpo escolar, alunos, pais, professores, diferentes atores, de forma direta, ocuparam a reitoria da Academia de arte de Düsseldorf, em defesa da liberdade.

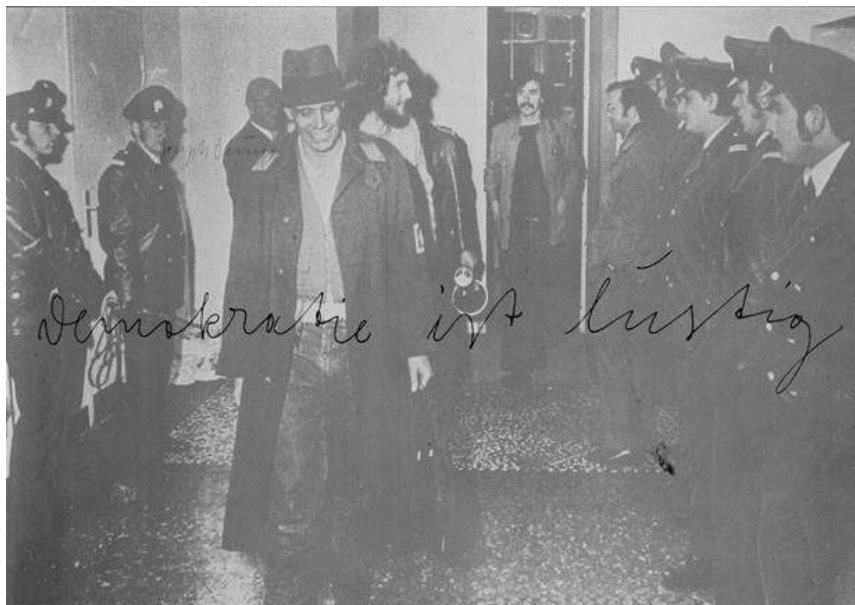


Figura 3 – A democracia é divertida. Joseph Beuys e Jorg Immendorff ao fundo. Ocupação da reitoria 1972. (imagem retirada de: <https://blogmonoart.wordpress.com/2016/03/30/na-arte-como-na-vida-ha-controversias/>).

A dinâmica entre liberdade e a escola, encontra-se na sua concepção de *Esculturas Sociais*. A escola, a universidade, são espaços que asseguram a liberdade aos sujeitos. A liberdade é condição estrutural para ampliação da capacidade criativa no ser humano, e por consequência, favorece a construção de pensamentos e atitudes capazes de modificar uma estrutura vigente. *Esculturas Sociais*, é a sua concepção expandida sobre escultura como o próprio ato construtivo de si e do mundo em que se vive, por pensamentos e ações. Assim como um artista constrói uma obra preocupado com sua forma, estrutura e matéria, todo sujeito constrói seu pensamento com o mesmo rigor. No seu escrito *Cada Homem Um Artista* está “o pensamento como a primeira forma plástica que surgiu no ser humano” (BEUYS, 2011, p. 135). Quanto mais liberdade, quanto maiores forem as condições para o desenvolvimento do potencial criativo no sujeito, maiores serão as possibilidades de construção de novos pensamentos e ações para concretizar mudanças efetivas.



### 3- Conclusão: Poder do Povo

A partir da sua colocação, penso que assegurar a liberdade é uma de nossas principais tarefas na contemporaneidade. Qual é o corpo político melhor qualificado para fazer essa defesa? Você colocou ser o povo. O que é uma ocupação estudantil, senão a mais legítima manifestação do poder popular estudantil? Um desdobramento do seu debate sobre liberdade é a sua colocação sobre democracia. Em *A Revolução Somos Nós* (2014), você colocou a importância de voltarmos nossas energias para a construção de um sistema que permita ao povo (Figura 4), dar a sua contribuição direta para a realização de uma constituição democrática. No escrito encontra-se, “Como realizar, concretamente, uma democracia?” (BEUYS, 2014, p.318). A sua proposta foi: na democracia direta.

A sua compreensão sobre democracia foi a de que não são os partidos políticos que realizam a democracia, mas a contribuição e a participação direta de todos os cidadãos nos assuntos e no funcionamento de um país, “Estas linhas representam os direitos fundamentais” (BEUYS, 2014, p.302). Para você, a existência de uma constituição democrática estava intimamente associada a participação popular e a prática de transferência de poder da coletividade para uma minoria, como os partidos políticos, não era democracia, “Democracia significa, literalmente, poder do povo” (BEUYS, 2014, p.320).

Particularmente, gosto do seu debate com *Fábio Mauri* entre as páginas 323 e 324, do escrito *A Revolução Somos Nós* (2014). Novamente você retomou a sua concepção expandida sobre escultura. O pensamento como uma nova forma de escultura. Você chamou a atenção dos presentes para esse importante aspecto da conferência, um ato de construção de esculturas. Como você já havia adiantado, no início da conferência, algumas pessoas presentes no evento poderiam estar incomodadas por ouvirem, de um artista, a velha história sobre o socialismo, a liberdade e a democracia. Alguns poderiam pensar, “Política até nos espaços da arte?” (BEUYS, 2014, p.300). O que esperar de um artista? Um objeto artístico com o qual se possa relacionar? Uma pintura, gravura, desenho, uma escultura? A proposta de reunir pessoas e reconhecer cada uma delas como um artista, é uma concepção expandida em relação a qualquer tentativa de delimitação sobre o que seja arte.



Figura 4 – Gabriela Clemente. Poder do povo. Desenho. 15x20cm. Acervo pessoal

Você teve clareza sobre a necessidade de superação do sistema capitalista e, no geral, destacou a importância de dar passos concretos para atingir tal objetivo. Pontuou sobre a difícil tarefa de despertar o homem do seu individualismo e dos seus excessos. Abordou problemáticas como a despolitização dos cidadãos, as privatizações e o conformismo generalizado. Professor, se na sua época e no seu contexto europeu da década de 1970, esses já eram dilemas concretos para a realização da democracia, imagine o desafio que países com passado-presente colonial, como o Brasil, enfrentam. Em pleno ano de 2021 é urgente fazer “com que as pessoas voltem a se interessar pelo social, a retomar o seu inato sentido de coletivismo” (BEUYS, 2014, p.324).



Figura 5 – Jones Manoel. A educação não vai salvar o mundo. (imagem retirada de: [https://www.instagram.com/p/CVDjSS-LwW6/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CVDjSS-LwW6/?utm_source=ig_web_copy_link)).

Antes de nos despedirmos, de acordo com as suas colocações, posso dizer que assegurada a liberdade, estando cada homem e cada mulher conscientes do seu lugar como artistas, como seres criativos, seremos capazes de construirmos pensamentos e ações transformadoras, que nos proporcionarão viver a verdadeira democracia, ou seja, o governo do povo? Professor, essa nossa conversa coincide com a comemoração do dia do professor no Brasil, 15 de outubro. Que tal em nosso próximo encontro, partirmos desse ponto, acrescentando a colocação feita por Jones Manoel (2021), professor e militante do Partido Comunista do Brasil? Dê só uma olhada na publicação que ele fez em sua página no *Instagram* (Figura 5). Acredito que a fala do companheiro poderá nos ajudar a desdobrar, ainda mais, nossas reflexões. Você topa?

#### 4- Referências

BEUYS, Joseph. A revolução somos nós. In: FERREIRA, Glória; COTRIM, Cecília (Org). **Escritos De Artistas Anos 60, 70**. 4ª Reimpressão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014, p. 300-324.

\_\_\_\_\_. **Cada homem um artista**. Trad. Júlio do Carmo Gomes. 2ª edição. Porto: Editora 7 Nós, 2011.

BORER, Alain. **Joseph Beuys**. São Paulo: Cosac e Naify, 2001.

CERQUEIRA, A. G.; ALVES, A. C.; SILVA, A. L. F. R. DA; FERREIRA, A. C. DOS S.; ARGEMIRO, J. V. DE S. "**Ocupa Mendes**": Quando a droga da obediência não funciona mais! Relatos da ocupação estudantil do colégio estadual Prefeito Mendes de Moraes, a primeira escola ocupada no estado do Rio de Janeiro. *Temáticas*, v. 24, n. 47/48, 30 dez. 2016. Acessado em 8 out. 2021. Online. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/11112>

DW. **100 anos de Beuys: “vamos jogar as minhas obras pela janela!”**. DW - Made for minds. 27 maio. 2021. *Cultura*. Acessado em 22 ago. 2021. Online. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/100-anos-de-beuys-vamos-jogar-as-minhas-obras-pela-janela/av-57690491>

FONSECA, Diego A. **Na arte como na vida, Há controvérsias**. *Mono Art*, 30 mar. 2016. Acessado em 17 ago. 2018. Online. Disponível em: <https://blogmonoart.wordpress.com/2016/03/30/na-arte-como-na-vida-ha-controversias/>

MANOEL, Jones. **A educação não vai salvar o mundo**. 15 out. 2021. *Instagram*. Acessado em 15 out. 2021. Online. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CVDjSS-LwW6/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CVDjSS-LwW6/?utm_source=ig_web_copy_link)

OLIVEIRA, Gabriela C. **Artista-professor. Metodologias do Ensino em Arte**. 2019. Dissertação de mestrado. UEMG, Belo Horizonte, 2019. Acessado em 02 set. 2021. Online. Disponível em: <https://zenodo.org/record/4294356#.YWYDEfnMLIU>

ROSENTHAL, Dália. **0 Elemento material na obra de Joseph Beuys**. 2002. Dissertação de mestrado. UNICAMP, Campinas, 2002. Acessado em 22 ago. 2021. Online. Disponível em: [http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/285092/1/Rosenthal\\_Dalia\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/285092/1/Rosenthal_Dalia_M.pdf)

SAMPAIO, Lucas. **Mortes por Covid despencam, mas Brasil ainda é o país com mais óbitos do mundo em 2021**. Portal G1. 08 out. 2021. *Mundo*. Acessado em 13 out. 2021. Online. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/10/08/mortes-por-covid-despencam-mas-brasil-ainda-e-o-pais-com-mais-obitos-do-mundo-em-2021.ghtml>

SOUZA, Lucas D. **A Estudante que Calou o Parlamento! Ana Júlia discursa**. Youtube, 2016. Acesso em: 07 out. 2021. 10'19". Online. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aNo8BjBObXY>